

DESPORTIVO DIGITAL 

Maria da Fonte
ambiciona fazer
um campeonato tranquilo

Maximinense
quer voltar à ribalta
do futebol distrital

MJ Póvoa
um clube de um lugar
que já foi campeão
a sandes e sumos

P. 5

GD Prado

- Clube espera encontrar solução para o **sintético**
- Problema deverá ser resolvido em breve

P. 10

GD Caldelas

- Homenageou **"Bertinho"**
- O roupeiro que deixou saudades



P. 13

- **Mário Paula** fala da sua saída do FC Amares e do seu novo clube
- «A proposta não valorizava o meu trabalho»

P. 14-15

- **CN Prado** bicampeão de maratona



FC AMARES // P. 6

Conflito ficou bem patente na Assembleia-Geral
Direcção e Presidente da MAG de "candeias às avessas"



«TU E A TUA EQUIPA ESTÃO AQUI PARA DESTRUIR O FC AMARES»

Vice e Tesoureira demitiram-se



.desportivo 

Desportivo Digital | disponível em www.desportivoaledohomem.pt

“EXISTE DISCRIMINAÇÃO A QUEM TREINA NO FUTEBOL FEMININO”

«Não ter sido jogador profissional dificulta a passagem para treinador principal rapidamente»

«A época em Amares serviu-me de lição»

Miguel Santos já conquistou três títulos nacionais

P. 2-3

VILAVERDENSE FC // P. 4

“VILA” ESTÁ DE REGRESSO AOS NACIONAIS

Investidor interessado em criar SAD

Direcção apresentou saldo positivo

DEPOIS DO ADEUS // P. 8-9

Rui Gama jogou 320 jogos na II Liga e foi 33 vezes internacional

«Cajuda dizia-me que a minha oportunidade ia surgir, mas jogar que é bom nada. Foi o meu fim no SC Braga...»



FUTEBOL - MIGUEL SANTOS



«A PROPOSTA DO SC BRAGA FOI UM SONHO TORNADO REALIDADE»

Miguel Santos já conquistou três títulos nacionais

António Valdemar

Nesta edição fomos ao encontro de mais um jovem treinador amarense que se tem evidenciado pela positividade no futebol nacional, mais concretamente no feminino.

Miguel Santos, Mestre em Educação Física e Desporto, está na lista de espera para tirar o 4.º nível de treinador (UEFA-Pro), mas já tem no currículo três títulos nacionais, obtidos no futebol feminino ao serviço do SC Braga e do Vilaverdense FC.

O gosto pelo treino começou muito cedo, mas demorou 13 anos até assinar um contrato profissional. «Não tenho o estatuto de ter sido jogador profissional, que permite a passagem para treinador principal mais rapidamente», explicou Miguel Santos na entrevista ao Desportivo.

Chegou a Jogar futebol federado?

Sim, no FC Amares, na primeira equipa de iniciados, e fiz aí toda a formação. Depois ainda estive um ano nos seniores do Caldelas.

Em que posição jogava?

Era extremo ou ponta-de-lança. Fiz dupla com o Sérgio Vieira, actual treinador do Farense, no ataque do FC Amares. O Sérgio era um atacante mais fixo, eu mais móvel. No segundo ano de júnior fiz uma boa época, marquei 25 golos em 20 jogos.

Mas deixou de jogar muito cedo.

No meu primeiro ano de sénior, já estudava em Vila Real, só treinava uma ou duas vezes por semana. Ainda aguentei um ano, mas depois comecei a pensar que como jogador o máximo que poderia atingir seria uma III Divisão ou mesmo nunca sair dos Distritais e como treinador podia ter hipótese de chegar mais longe. Por isso, decidi pendurar as chuteiras aos 20 anos e dar início à minha carreira de treinador.

E começou logo a treinar?

Comecei como treinador adjunto na equipa B dos juniores do Penafiel. Trabalhei lá durante três meses, mas o clube não pagou. Na altura saíram 20 treinadores, foi

um caso muito falado. Depois fui treinar os infantis da ADC Sabro, de Vila Real. Foi a minha primeira equipa como treinador na formação, mas passei por todos os escalões da formação. Treinei os sub-15 do Fair-Play, os sub-17 do FC Amares e os sub-19 do Vilaverdense FC. Ao mesmo tempo ainda fiz o percurso paralelo como adjunto nos seniores em equipas da AF Braga, Viana do Castelo e Porto.

Primeiros títulos no Vilaverdense FC

E como surge o futebol feminino na sua carreira?

Foi na época de 2014/15, quando a Xana Coutada saiu do Vilaverdense FC. O Monarca convidou-me para ser o treinador e assim também aproveitei para fazer o estágio de nível 3. Ainda hesitei porque a equipa estava a três pontos da descida, mas ele disse-me que existia qualidade e que era preciso apenas dar alguns retoques.

Foi o seu primeiro grande desafio como treinador?

É verdade, embora a experiência nos sub-19

do Vilaverdense também tenha sido muito positiva e enriquecedora, mas nos seniores este foi, realmente, o meu primeiro grande desafio como treinador.

E correu bem...

Sim, muito bem. O nosso primeiro objectivo era salvar a equipa principal da descida. A quatro jornadas do fim tínhamos a manutenção assegurada. Nas juniores, o clube queria continuar a dominar o campeonato distrital, já que nos últimos anos tinha ganhado todos os títulos, mas as coisas ainda correram melhor do que esperávamos. Fomos campeões distritais, vencemos a série Norte Nacional e depois fomos campeões nacionais. Foi a primeira vez que o Vilaverdense conquistou um título nacional e foi também o meu primeiro grande título.

E porque decidiu sair do Vilaverdense na época seguinte?

Achei que depois de ter sido campeão nacional de sub-19 apenas voltava ao futebol feminino para abraçar um projecto que me desse a possibilidade de lutar pelo título na-

cional no escalão sénior.

Ainda esperou dois anos até que esse convite surgisse...

É verdade. Antes disso treinei os iniciados do SC Braga. Foi uma época excepcional. Fomos vice-campeões nacionais atrás do Benfica, com uma super-equipa, onde pontificavam jogadores como o Embaló, que já foi negociado para o Colónia, por 16 milhões de euros, e o Pedro Pereira, que foi negociado para a Juventus, por 10 ou 12 milhões, entre outros.

Mas o SC Braga também tinha uma grande equipa.

Sim e até a apelidei de “geração de ouro”.

Muitos desses jogadores estão agora equipa B, nos sub-23 e sub-19 do SC Braga.

No final da época acabou por sair. Foi uma decisão sua?

Saí por questões pessoais e profissionais.

Experiência no FC Amares Depois acabou por treinar o FC Amares.

Estive quase um ano no desemprego por opção. Entretanto, o Paulo Rafael deixou o comando técnico do FC Amares e o professor Alberto Mendes convidou-me para treinar a equipa. Foi uma época que me serviu de lição por vários motivos:

Primeiro, foi muito importante em termos de liderança, porque estar à frente de um balneário sénior masculino é diferente da formação e mesmo do futebol feminino. Depois, tive a oportunidade de treinar num campeonato muito competitivo e um grande grupo com quem aprendi muito.

No entanto, o clube mudou de Direcção em Março e eu devia ter saído com o Alberto Mendes. Entrei com ele e devia ter saído com ele, ou então ter proposto à nova Direcção a renovação do contrato por mais um ano. Não fiz uma coisa nem outra por amor ao clube. O que aconteceu é que a nova Direcção tinha uma forma diferente de ver o balneário

e também a projecção da próxima época. Acabei por sair quando faltava apenas uma jornada para terminar o campeonato porque percebi que não era opção para o ano seguinte.

No ano seguinte, regressou novamente à formação?

Tive um convite da Direcção do Gil Vicente para reorganizar a equipa de sub-15, pois eles estavam com medo de descer aos Distritais.

Mas acabou por não terminar a época?

Estive lá até Outubro, mas deixei as bases para a equipa se manter nos Nacionais, o que me deixou muito satisfeito.

«O Presidente queria-me a tempo inteiro»

É quando surge o convite do SC Braga?

Sim. O SC Braga ofereceu-me o cargo de treinador da equipa sénior e também de toda a coordenação do futebol feminino.

Foi o Presidente António Salvador que o convidou?

O primeiro contacto surgiu através do Rui Santos, que estava na coordenação do clube, e da Directora Sofia Teles. Pedi autorização ao Gil Vicente para negociar e eles perceberam a minha situação, por isso não colocaram entraves. Depois é que reuni com o Presidente António Salvador que me disse: “Mister, você fez um bom trabalho nos sub-15, mas desta vez quero que venha trabalhar para o clube a tempo inteiro. Sei que trabalha na Câmara [de Amares], veja isso da melhor forma, mas o convite está feito”. Demorei uma semana para tentar perceber se podia conciliar as duas coisas. Mas depois senti que não ia estar bem nem num lado nem no outro e tinha de me decidir.

Acabou por concretizar o seu primeiro grande sonho, que era ser profissional?

Ao fim de 13 anos no semi-profissionalismo, receber uma proposta destas era tornar o sonho realidade. Foi um caminho longo porque eu não tenho o estatuto de ter sido jogador profissional que permite a passagem para treinador principal mais rapidamente. Quando um jogador termina a carreira tem a vida mais facilitada do que um jovem que jogou a nível amador ou semi-profissional. Temos de fazer um percurso mais longo, mas assim também é mais saboroso.

Mais preparado para os próximos desafios Que balanço faz destes quase três anos no SC Braga?

No primeiro ano não ganhámos qualquer título. Perdemos tudo para o Sporting. Na



Miguel Santos vai cumprir o último ano de contrato com o SC Braga

segunda época vencemos o campeonato e a Supertaça ao Sporting e perdemos nas meias-finais da Taça de Portugal com o Benfica. Mas não posso deixar de destacar o facto de termos ficado entre as 32 melhores equipas da Europa na Liga dos Campeões. Foi a primeira vez que disputei provas UEFA. Em cinco jogos, três em Riga, um em Braga e outro em Paris, tivemos um saldo de três vitórias, um empate e uma derrota. Não foi mau. Estes anos no SC Braga deram-me mediatismo, ajudaram-me muito a crescer, estou mais ma-

duro e melhor preparado para enfrentar os desafios futuros.

Que passam pelo SC Braga?

Tenho contrato até Junho de 2021. No final vou conversar com o Presidente para perceber onde sou mais útil no clube. Caso me agrade, fico.

«Não fecho as portas a bom projecto» Não tem medo de ficar com o nome ligado ao futebol feminino?

Sei que ainda existe essa discriminação,

que quem treina no futebol feminino só serve para isso, mas não vejo as coisas dessa forma. Fiz 36 anos em Maio e ainda tenho uma longa carreira pela frente. Sou um treinador cada vez mais ambicioso. Seria bonito, e penso que inédito, ser campeão nacional no futebol feminino e masculino. Se pudesse ser no Braga melhor ainda. Mas não fecho a porta a projectos do futebol masculino e feminino em que veja que tenho capacidade para ter sucesso em Portugal ou no estrangeiro.



SC Braga perdeu 11 jogadoras da época passada

Famalicão e Benfica favoritos

Braga e Sporting candidatos

Esta época ainda vão discutir dois troféus?

Em princípio vamos jogar a final da Taça da Liga com o Benfica e estamos nas meias-finais da Taça de Portugal. Vamos jogar com o Estoril e o Famalicão com o Benfica. São jogos apenas com uma mão e em campo neutro.

Perderam muitas jogadoras, o que se passou?

Saíram 11 jogadoras e também a directora-geral. Saíram porque quiseram, mas acho isso normal em equipas profissionais. Vão entrar nove atletas, quatro vindas da formação e

cinco estrangeiras.

O SC Braga vai ter na mesma uma equipa competitiva?

Claro que sim, embora considere o SC Braga e o Sporting candidatos e o Famalicão e o Benfica favoritos.

Porquê?

Porque o Benfica foi a equipa que menos baixou o orçamento e o Famalicão é, das quatro, a única que o subiu. Estão a fazer um grande investimento.

VILAVERDENSE FC

Vilaverdense FC está de regresso aos Nacionais

Investidor estrangeiro interessado em criar SAD no clube

Ricardo Reis Costa

O último dia de Julho foi agitado e repleto de novidades em Vila Verde: o Vilaverdense FC vai disputar o Campeonato de Portugal na próxima temporada e tem um investidor interessado, o que implica a criação de uma SAD, assunto que será debatido nos próximos dias. Mas vamos por partes.

A não inscrição da AD Oliveirense na próxima edição do Campeonato de Portugal abriu lugar ao regresso do Vilaverdense aos Nacionais de futebol, depois de ter sido terceiro classificado da Pró-Nacional em 2019-2020. O convite feito pela FPF foi imediatamente aceite pelos responsáveis do emblema verde-e-branco, pese embora isso implique uma reestruturação do planeamento e do orçamento para a próxima época [ver caixa]. «Obviamente, esta é uma surpresa boa, mas que nos vai obrigar a repensar a nossa próxima época, porque o nosso foco inicial era competir na Pró-Nacional da AF Braga. Com a subida ao Campeonato de Portugal teremos que fazer alguns reajustes e, em conjunto, vamos ter que analisar a melhor forma de nos prepararmos, sempre com os pés bem assentes no chão», explicou o Presidente do clube, Hugo Santos, para quem a ascensão é «um prémio» pelo trabalho feito ao longo da temporada. «O Vilaverdense FC é um clube habituado aos Nacionais, onde esteve durante muitos anos», sublinhou. Fazendo um balanço positivo da última época, quer em termos desportivos, quer em termos financeiros, o dirigente mostrou-se preocupado com as receitas para a nova temporada devido aos impactos económicos provocados pela pandemia Covid-19.

«A próxima época vai ser muito complicada porque a pandemia vai reflectir-se nas pequenas e médias empresas, que são muito importantes para o Vilaverdense FC, assim como os donativos», explicou. E é aqui que passamos à outra grande novidade: a existência de um investidor.

Investidor e SAD

Na Assembleia-Geral de 31 de Julho, além de confirmar a subida de divisão, Hugo Santos anunciou que a Direcção do clube tem estabelecido contactos com um grupo estrangeiro que está interessado em investir no Vilaverdense FC.

«É um investidor ligado ao futebol, com provas dadas e presença em muitos clubes, nomeadamente no SC Braga. Conosco já há um namoro antigo, já temos uma relação de parceria, mas que agora



Hugo Santos, presidente do Vilaverdense, no uso da palavra durante a Assembleia Geral

se pode tornar mais forte, porque há esse interesse da parte deles. A confirmar-se, será uma ajuda importante para nós, já a partir desta época, mas que implica a criação de uma SAD», explicou.

O «assunto SAD» já não é novo em Vila Verde e já fez correr muita tinta no passado, quando a Prozis pretendeu o mesmo, o que acabou por precipitar a ruptura entre a empresa liderada por Miguel Milhão e o clube. E foi por isso mesmo, «para evitar erros do passado», que o Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, Daniel Lima, deixou o alerta para que a situação seja bem estudada e analisada antes de ser proposta à aprovação dos associados, inclusivamente pedindo um parecer jurídico.

O repto foi aceite por Hugo Santos, que garantiu que a Direcção que lidera vai «estudar aquilo que for melhor para o clube». «Vamos conversar com o investidor, perceber o modelo de criação da SAD e fazer uma proposta para que depois possa ser apresentada aos sócios», frisou. O tema será discutido numa Assembleia-Geral extraordinária, a realizar em breve, onde será também apresentada o orçamento para a próxima época.

Novo orçamento vai ser refeito

Devido à subida aos nacionais

A apresentação do orçamento do clube para 2020-21 constava da ordem de trabalhos da última Assembleia-Geral, mas foi retirado e vai ser refeito tendo em conta a subida ao Campeonato de Portugal. «Vamos analisar e estruturar da melhor forma para que possamos ter um orçamento que nos permita es-

tar numa divisão superior. Tínhamos um orçamento idealizado para competir na Pró-Nacional, mas com a passagem para o Campeonato de Portugal vamos ter que reformular, porque sabemos que os custos, nomeadamente em termos de organização de jogos e de deslocações, serão superiores», explicou Hugo Santos.



Vítór Silva, vice-presidente, apresentou as contas do clube

Mais de 985 euros de lucro

Direcção apresentou saldo positivo



Os sócios do Vilaverdense FC aprovaram, por unanimidade, o Relatório e Contas referente à época 2019-2020, que mostra um resultado positivo de 985,79 euros. Nessa temporada, a equipa sénior absorveu cerca de 69 mil euros dos gastos, tendo sido destinados 21 mil para a formação e mais de cinco mil para o futebol femini-

no. O clube tem apenas uma dívida corrente, de cerca de 27 mil euros, à AF Braga. «Este é o balanço de uma época dura, em que tivemos que nos deparar com a pandemia Covid-19, mas em que cumprimos com todas as nossas obrigações», sublinhou o Vice-Presidente Vítór Silva, que fez a apresentação das contas.

GD PRADO

António Valdemar

Ventura está de regresso aos relvados. Depois de dois anos de ausência, o médio decidiu voltar a jogar futebol e escolheu o GD Prado para prosseguir a carreira.

«Na altura não estava a conseguir conciliar o trabalho, Universidade e futebol e optei pelo que me dá mais segurança, que é a Universidade e o trabalho», confidenciou o jogador licenciado em Ciências da Computação.

«Há dois anos, o GD Prado tinha falado comigo, mas acabei por não assinar. Este ano falei com alguns colegas que jogam lá e disse-lhes que tinha vontade de voltar a jogar futebol. Eles falaram com o Presidente (Miguel Gomes), que me contactou. Depois foi fácil chegar a um acordo, pois o Prado é um clube com um grande historial e com um treinador com quem posso evoluir muito neste meu regresso ao futebol», frisou o médio, que completa 25 anos no mês de Agosto.

«Fisicamente estou bem, tenho praticado desporto. É só uma questão de ganhar ritmo competitivo para esta divisão. Quero voltar a fazer o que gosto, pois quando parei senti que o futebol já não me dava felicidade. As equipas onde joguei passavam por muitas complicações, então já era mais sacrifício do que outra coisa», lamentou.

Intensidade defensiva

Ventura diz que não vai ter problemas de adaptação no GD Prado, pois conhece bem o plantel orientado por José Nuno Azevedo, técnico de quem só tem «ouvido coisas boas». O médio sublinha ainda que os adeptos do emblema alvinegro podem esperar «muita dedicação» e uma «entrega total» da sua parte.



Médio está de regresso aos relvados para representar o GD Prado

«Sou um médio com muita intensidade defensiva, mas que também gosta de ter bola. Falta-me só marcar mais golos, pois tenho feito mais assistências. Vou tentar subir mais no terreno para estar mais perto da baliza e fazer golos. Hoje, um médio mesmo jogando numa posição mais recuada, também tem que entrar no processo ofensivo», disse.

Um campeonato e uma taça no currículo
José Miguel Matos Ventura fez a formação no Merelinense, onde foi promovido à equipa sénior na época de 2013/14. Depois, passou por Serzedelo, Vieira e Ninense, antes de regressar a casa para viver um dos momentos de maior glória da sua ainda curta carreira de futebolista. Na temporada de 2015/16 sagrou-se campeão da Pró-Na-

cional e venceu a Taça da AF Braga com a camisola do Merelinense ao peito. Na época seguinte rumou ao FC Amares e depois ao Ninense.

«Cheguei a ter sonhos, como qualquer jovem, mas agora jogo apenas para me divertir e também para ganhar mais algum dinheiro que também faz falta. Esta paragem fez-me sentir saudades do futebol», explicou.

Sintético vai ser substituído

Clube, Câmara e Junta tentam encontrar uma solução

A Direcção do GD Prado, eleita recentemente para cumprir um ano de mandato, está a desenvolver todos os esforços para mudar o relvado sintético no campo de jogos.

O tapete está muito desgastado e tem mesmo provocado muitas lesões aos atletas, o que coloca em perigo a sua integridade física e mesmo a dos adversários que têm manifestado o seu repúdio quando jogam no Faial.

Para além disso, a Comissão Técnica da AF

Bragarealizou recentemente uma vistoria ao local tendo dado nota negativa ao sintético dos pradenses. Um cenário que pode mesmo levar os órgãos associativos a interditar o campo de jogos por falta de condições de segurança.

Para evitar todos estes constrangimentos, a Direcção do GD Prado está em negociações com a Câmara de Vila Verde e a Junta de Freguesia da Vila de Prado para «encontrar uma solução» para resolver este problema, o que deverá surgir muito em breve.



Sintético do Prado deverá ser mudado em breve

Uma dúzia de renovações e três reforços

Seis jogadores saltam da formação para os seniores

Está praticamente fechado o plantel do GD Prado para a nova época desportiva. Com uma forte aposta da formação, de onde saltaram seis jogadores para a equipa principal, os pradenses contrataram até ao momento três jogadores e renovaram com 12 atletas da época

passada.

No entanto, até ao arranque dos trabalhos para a nova época, ainda podem chegar ao clube orientado por Zé Nuno Azevedo mais dois reforços para fechar o grupo de trabalho que vai competir no campeonato da Pró-Nacional.

Plantel para a época 20/21

Guarda-redes: Cláudio Machado, Nuno (ex-júnior) e Artur (ex-júnior)

Defesas: Paulo Ricardo, Diogo Machado, Lucas, Joy, Jota, Edu (ex-júnior) e Kiko (ex-júnior)

Médios: Rafa, Álvaro, Ferreira, Bruno Gomes, Ventura (regresso ao futebol), João Paulo (ex-júnior) e Gonçalo (ex-júnior)

Avançados: Rafael Vilas Boas (ex-S. Veríssimo), Cláudio, Bié e Bruno Silva



Joy



Bruno Silva

FC AMARES

Estalou o verniz entre a Direcção e o Presidente da MAG

Assembleia-Geral do FC Amares foi tudo menos pacífica



Edgar Gonçalves (ao centro), Presidente da mesa da Assembleia-Geral, foi muito criticado pela direcção

António Valdemar

O relacionamento entre a Direcção do FC Amares, liderada por Olivier Silva, e o Presidente da Mesa da Assembleia-Geral, Edgar Gonçalves, não é o melhor e isso ficou bem patente na última Assembleia Geral (AG), realizada no dia 31 de Julho, que tinha como ponto principal da ordem de trabalho a apresentação, análise e votação das contas do clube.

Ponto esse que acabou por nem ser levado a discussão, já que a Direcção não reuniu, em tempo oportuno, os documentos necessários para esclarecer os associados sobre a situação financeira do FC Amares.

Mas a reunião magna acabou por ser “quentinha”, azedando mesmo com as intervenções mais inflamadas de Olivier Silva e Domingos Silva, que foram muito duros nas críticas ao Presidente da MAG, acusando-o de querer «destruir o clube». Aliás, Domingos Silva pediu mesmo a Edgar Gonçalves que tivesse «a coragem de se demitir» do cargo que ocupava, deixando claro não existir condições para uma sã convivência entre os dois principais órgãos sociais do clube.

Mas vamos por partes. A AG começou com uma explicação da Direcção (lida por Cristóvão Gomes) sobre toda a polémica que envolveu a marcação da reunião e troca de e-mails entre os dois órgãos do clube, bem como as demissões do Vice-Presidente Sérgio Ferreira (Celinho) e da Tesoureira, Helena Freitas, que pediram a demissão no dia 26 de Junho.

«Estive ausente do país desde o dia 30 de Junho até 22 de Julho. Durante este período passaram-se algumas coisas que não posso deixar passar em claro. A primeira delas é

uma Assembleia-Geral, alegadamente marcada para o dia 16 de Junho, que não teve convocatória e da qual a Direcção não foi informada. Qual não foi o nosso espanto quando nos deparamos, numa notícia normal sobre um jogador nosso, com uma série de comentários insinuando que estaríamos a esconder qualquer coisa para que não houvesse AG nessa data. Como é que alguns sócios souberam da data de uma AG, se nunca existiu uma convocatória e usam isso para difamar a Direcção e consequentemente o FC Amares?», questionou Olivier Silva, acrescentando: «Fui contactado por telefone por elementos da Direcção sobre a demissão de dois elementos a 29 ou 30 de Junho. O senhor disse que estava no estrangeiro, que não tinha acesso ao e-mail e que não podia confirmar, mas que tinha ouvido qualquer coisa sobre isto. Até hoje a Direcção não recebeu qualquer documento escrito sobre essas demissões. Com a marcação desta reunião, a Direcção falou várias vezes com o contabilista no sentido de fornecer a documentação necessária para a realização desta AG. Depois de uma reunião com o contabilista recebemos um e-mail com o seguinte teor e que o senhor Presidente da AG também teve acesso.

“Os serviços de contabilidade do FC Amares foram suspensos com o surgimento da pandemia e também pela saída de colaboradores do FC Amares relacionados com esse serviço. O que acontece é que há elementos relacionados com as contas que não estão conferidos, nem auditados. Por isso, não há condições para discutir o ponto 1 da ordem de trabalhos”. Parece que se há alguém a agir de má-fé não é a Direcção», atirou Olivier Silva.

«Estamos há dois meses para realizar a AG»

Edgar Gonçalves tomou a palavra e após uma longa exposição dos factos concluiu: «Na verdade estamos há dois meses a tentar realizar esta AG, disponibilizando três datas à Direcção (10, 17 e 25 de Julho). Caso a Direcção não se pronunciasse até ao dia 29 de Junho, a data que prevaleceria seria o dia

17 de Julho. Depois, na reunião presencial com a Direcção, no dia 15, ficou decidido, com a concordância das duas partes, que a AG se iria realizar no dia 31 de Julho. Por isso, a responsabilidade de não apresentar os documentos financeiros é da Direcção», disse o Presidente da MAG do FC Amares, que vai agendar nova AG para a aprovação das contas em meados de Agosto.

«Como podes pensar que há dinheiro para roubar?»

Intervenção inflamada do Presidente

Mal o Presidente da Mesa da MAG terminou as explicações, Olivier Silva pediu a palavra para lançar um forte ataque a Edgar Gonçalves. «Por que não vais directamente ao assunto? Queres saber onde está o dinheiro, queres saber se a gente anda a roubar. É isso que tu queres saber. O FC Amares não tem onde cair morto. Como podes pensar que há dinheiro para roubar? Ninguém deita o FC Amares abaixo enquanto eu aqui estiver. Há ano e meio que te ando a pedir cadeiras e um pequeno escritório para receber as pessoas e nem isso dás ao clube, enquanto há aqui pessoas a trabalhar de dia e noite sem nada em troca. Tu e a tua equipa estão aqui para destruir o FC Amares», acusou Olivier Silva.



Olivier Silva, Presidente do FC Amares

«O que se passou aqui é uma vergonha»

José Manuel Faria, ex-Presidente do FC Amares

«Temos de reconhecer o trabalho que esta Direcção está a desenvolver, mas também não podem desprezar ou ignorar as críticas dos sócios e mesmo da sociedade. Este é um clube muito emblemático do distrito e o que se passou hoje aqui é uma vergonha. É mau de mais para ser verdade. Em tantos

anos de história do clube nunca vi tanta falta de respeito por um órgão social do clube, que neste caso é o mais importante do clube, é aquele que representa todos os associados do FC Amares. Sinto vergonha do que se passou aqui. Faltou elevação nos discursos».

FC AMARES - PEDRÓ

«Para jogar na Pró-Nacional não era num projecto de manutenção»

Pedró diz que Presidente do FC Amares quer «sair do marasmo»

António Valdemar

Depois de nove épocas consecutivas nos campeonatos Nacionais, duas das quais na principal Liga portuguesa ao serviço do Gil Vicente e D. Aves, Pedró está de regresso ao futebol distrital. O médio ofensivo, de 32 anos, diz que aceitou este desafio por acreditar no projecto do FC Amares e também para cumprir um sonho de criança.

«O convite surgiu através do Presidente Olivier Silva. É uma pessoa fantástica, que me convenceu a jogar no FC Amares. Ele quer sair do marasmo, subir de divisão, profissionalizar o clube. É uma pessoa que quer crescer, dou-me bem com essas pessoas.

Depois, vou cumprir um sonho que sempre ambicionei desde criança que é jogar com o meu melhor amigo Zé Miguel. Vou ter o prazer de desfrutar os últimos anos de carreira a jogar ao lado dele. Isso é impagável. Por isso, posso dizer que assinei por causa do Presidente, porque lhe reconheço valor e seriedade, e pelo facto de jogar ao lado do meu melhor amigo», explicou o jogador, que durante o defeso recebeu propostas para continuar a jogar nos Nacionais.

«Tive propostas de clubes do Nacional, mas tinha dado a palavra ao Presidente e para

mim isso vale mais do que uma assinatura. Não vejo isso como um retrocesso na minha carreira. O futebol é igual em todas as divisões. Venho com a mesma paixão de sempre», atirou.

Pedró sublinhou ainda que nunca regressaria aos Distritais para jogar pela manutenção.

«Para jogar na Pró-Nacional não era para um projecto de manutenção. Isso não passa pela minha cabeça. Quero projectos ambiciosos e o Amares deu-me isso», frisa.

O FC Amares não é, de resto, propriamente um corpo estranho ao jogador. «Assisti a alguns jogos na época passada e gostava da forma como a equipa jogava. O Amares já tinha um excelente plantel para a divisão onde estava e isso notou-se em quase todo o campeonato. Andaram quase sempre primeiro lugar», acrescentou.

No entanto, o jogador reconhece que não está muito por dentro do valor das equipas, mas ressalva que nestes campeonatos existem bons jogadores que também podem chegar lá acima. «Joguei nos distritais e cheguei à I Liga. Ganhei uma Taça de Portugal e tenho uma subida à I Liga. Não cheguei onde cheguei por acaso, muito pelo contrário. O que é preciso é acreditar. Como eu há imensos jogadores com qualidade para fazer o mesmo», disse.



Pedró conquistou uma Taça de Portugal e uma subida de divisão ao serviço do Desportivo das Aves

«Quero ser aquele empresário que nunca tive»

Futuro passa pelo agenciamento de jogadores

Embora não pense em pendurar as chuteiras para já, Pedró já está a preparar o futuro, que vai passar pelo agenciamento de jogadores. O jogador diz que quer ser o empresário que nunca teve ao longo da sua carreira. «Acredito que há jogadores com qualidade para chegar ao topo. Só que estes

campeonatos não têm visibilidade. Há muitos bons jogadores e quero ajudá-los a ter essa oportunidade. Quero ser o empresário que gostava de ter tido na minha carreira», confidenciou o jogador de 32 anos, natural da cidade de Braga.

Uma história de sucesso

Duas passagens pela I Liga



Médio jogou nos distritais e chegou à I Liga

Pedro Azevedo, ou simplesmente Pedró, subiu a pulso na carreira. O médio fez a formação no SC Braga e Gil Vicente e aos 19 anos estreou-se nos seniores no campeonato da Divisão de Honra com a camisola do Santa Maria, onde jogou duas épocas. Depois mudou-se para o Fão, tendo jogado ainda no Tirsense antes de chegar ao Vilaverdense, onde se sagrou campeão distrital da Divisão de Honra com a conseqüente subida aos Nacionais de futebol. Aliás, a época de 2010/11 foi a última em que o médio jogou nos campeonatos Distritais.

A partir daí foi sempre a subir até chegar ao topo. Na época de 2013/14 regressou aos gilistas para cumprir o sonho de jogar na I Liga. No entanto, seria no D. Aves que atingiu o clímax com uma subida à I Liga e a conquista da Taça de Portugal.

«Foi onde me senti acarinhado, onde cumpri os meus sonhos. Fica aquele amargo de boca pois podia ter jogado com mais regularidade na I Liga se não fosse aquela lesão... Fiz tudo por aquele clube e as pessoas gostam de mim por causa disso. Infelizmente, o clube hoje passa por momentos difíceis, mas quem co-

nhece a sua realidade sabe que este era um fim anunciado. Devem-me um mês há dois anos e meio, mas não vou tribunal porque tenho um carinho enorme por este clube», disse o jogador, que nas últimas épocas jogou no Farense, Arouca, Merelinense, Vilafranquense e Maia Lidador.

«No ano passado estive no Vilafranquense na II Liga, mas as condições que me deram não foram aquelas que me ofereceram à partida. Estava para deixar de jogar, mas depois o Bock, que foi uma pessoa que me ajudou muito quando estava no Freamunde, pediu-me para o ir ajudar no Maia. No entanto, as coisas a nível de pagamentos também falharam. Então disse-lhe que não dava para continuar e ele compreendeu», contou.

«Fica aquele amargo de boca pois podia ter jogado com mais regularidade na I Liga se não fosse aquela lesão»

FUTEBOL - RUI GAMA

António Valdemar

Rui é mais um membro do clã Gama que brilhou em vários palcos do futebol luso. Depois de ter feito todo o percurso na formação do SC Braga e nas selecções jovens, estreou-se a titular na equipa principal com apenas 18 anos, num jogo com o FC Porto. Nessa época, sob o comando de António Oliveira e do professor Neca, realizou 10 jogos na I Liga.

No entanto, tudo mudou com a chegada de Manuel Cajuda e o central acabou proscrito, isto apesar das promessas. «Dizia-me sempre que estava a trabalhar bem e que a minha oportunidade ia surgir, mas jogar que é bom nada. Foi o meu fim no SC Braga...», contou o jogador, que mesmo assim jogou durante mais de uma década na II Liga.

Foi no campo do Lanhas que deu os primeiros chutos numa bola?

O meu pai foi um dos fundadores do clube e também jogou no Lanhas. Lembro-me bem de, juntamente com os meus irmãos, irmos com ele buscar os jogadores naquelas carrinhas “pão de forma” e quando eles acabam os treinos ficávamos a jogar no campo até ser noite. Muitas vezes era a minha mãe que tinha de nos chamar para ir jantar.

E ainda se lembra de quem o levou pela primeira vez a um treino de futebol?

Foi o meu pai. Como haveria de me esquecer desse dia? Devia ter 9/10 anos e ele levou-me às captações ao SC Braga. Éramos mais de uma centena de miúdos no Campo da Ponte. Nessa altura, faziam treinos de 6 contra 6 e, como eu não me destacava muito tecnicamente, acabei por não ficar. Chorei toda a viagem. No entanto, passado algum tempo, o falecido senhor Palmeira chamou-me para fazer um treino no campo todo e aí já consegui mostrar as minhas capacidades. Acabei por ficar nos iniciados B, mas passado pouco tempo estava na equipa principal.

E completou a formação no SC Braga?

Sim, só tenho pena de nunca ter sido campeão nacional. Íamos sempre às fases finais, mas o melhor que conseguimos foi ficar no terceiro lugar.

Terminada a formação foi convidado a ficar na equipa principal?

Nessa altura (1993-94) era difícil a um jogador subir aos seniores e logo numa equipa com o SC Braga, que estava na I Divisão. No entanto, acabei por ficar, juntamente com Rui Miguel, o Quim e o Vítor Roriz.

E como correu?

A primeira época correu bem. O “mister” António Oliveira já me conhecia, deu-me oportunidade e eu agarrei-a bem.

Fez muitos jogos?

Fiz 10 jogos, o que para um miúdo de 18 anos era muito bom. Lembro-me de ter sido convocado logo no primeiro jogo na casa do Gil Vicente. Fiquei todo contente, pois se já era bom estar integrado no grupo de trabalho ser convocado era espectacular. Mas a surpresa maior foi quando a 20 minutos do fim, o Sérgio Abreu lesionou-se e o “mister” colocou-me a jogar. Tremia como uma vara verde. Mas correu bem e empatámos 1-1.

Porto marcou estreia a titular

E lembra-se de quando foi a sua estreia



Rui Gama fez 320 jogos na II Liga e foi 33 vezes internacional nas selecções jovens

como titular?

Se me lembro... Como poderia esquecer? Foi num jogo nas Antas com o FC Porto. Durante a semana, o “mister” António Oliveira não deu a entender quem iria ser titular. Só na palestra, antes do aquecimento, é que divulgou o 11. Quando disse que eu ia jogar a lateral direito fiquei admirado. Nesse jogo deixou o Zé Nuno e o Fernando Pires de fora e joguei eu a lateral direito e o Chico Silva a extremo. Ao intervalo, estávamos a perder 1-0. Depois saí para entrar o Pires e recuou o Chico Silva. Levámos cinco. No treino seguinte disse que estava arrependido de me ter tirado e que no próximo jogo com o Estoril era eu e mais 10. Assim foi. Ganhámos 2-1.

Com o professor Neca também continuou a jogar?

Tive pena que o “mister” Oliveira tivesse saído. Ele apostava muito em mim e a minha história no SC Braga poderia ter sido outra, mas com o professor Neca continuei a ser convocado e ia jogando algumas vezes. Ele dava muita importância ao processo defensivo e por isso gostava de ter muitas soluções para esse sector. Lembro-me que nessa época safamo-nos no último jogo e porque o Paços de Ferreira perdeu em Alvalade. Nós jogávamos

na Madeira e tínhamos de ganhar ao Nacional, mas perdemos. Valeu a ajuda do Sporting, senão íamos direitinhos para a segunda divisão. O Braga vivia momentos difíceis. Era gerido por uma Comissão Administrativa e lutava sempre para não descer.

Com Cajuda foi o fim

E o que aconteceu na época seguinte?

Com a entrada do Manuel Cajuda nunca mais joguei. Dava-me moral nos treinos, dizia que a minha oportunidade ia surgir, mas jogar que é bom nada. Não sei o que tinha contra mim. Nunca me deu uma oportunidade. Foi o meu fim no SC Braga.

Acabou por ser emprestado?

No ano seguinte fui emprestado ao Famacião (1994/95) e a seguir à Ovarense. Depois, o Cajuda pediu para eu regressar, queria-me no plantel, mas não me colocava a jogar. Acabei por ser emprestado novamente, agora ao U. Lamas. Estive lá cinco anos maravilhosos.

E depois?

No meu último ano de contrato com o SC Braga, tinha feito uma grande época no U. Lamas.

O Vítor Manuel queria levar-me para a U. Leiria. Só que nessa altura os clubes

podiam exercer o direito de opção. O SC Braga mandou a carta e acabei por ficar mais um ano emprestado ao U. Lamas e perdi uma oportunidade de jogar novamente na I Divisão.

Outra vez Cajuda no caminho

Nunca mais regressou ao SC Braga?

Não. E ainda tenho mais uma história curiosa que envolve novamente o “mister” Cajuda. No final dessa época (2000/01), os responsáveis do Belenenses entraram em contacto comigo e queriam que eu fosse para lá. Acertámos tudo, ia fazer um contrato de três anos, muito bom, mas eles ainda não tinham treinador. É aí que o Cajuda entra outra vez na minha vida e pelas piores razões. O Belenenses contratou-o e o meu nome foi riscado. Voltou a descartar-me e lá se foi mais uma boa oportunidade.

Depois acabou por ir para o Penafiel.

Foi mais um erro que cometi. O José Peseiro queria levar-me para o Nacional, num projecto de subida à I Divisão. Como tinha a minha vida toda organizada no Continente não quis ir para a Madeira. Perdi a possibilidade de subir à I Divisão e dinheiro, pois o contrato era melhor e o Penafiel ainda me ficou a dever uns meses. Depois disso joguei uma época no D. Aves. Clube

UMA PEDRA NO SAPATO HAMADA CAJUDA IL EUROS “A ARDER”



espectacular, grandes convívios...

Promessas de Jorge Mendes Mas acabou por não ficar no Aves?

Eles queriam renovar comigo, mas o Jorge Mendes disse-me que tinha uma proposta de um clube da I Liga, penso que era a Académica, depois falou em colocar-me em Espanha. Entretanto, fui rejeitando clubes da II Liga e acabei por ir para um projecto dele, no Académico de Viseu, para subir à I Liga. O Rui Bento era o treinador e tínhamos uma grande equipa. Mas o Jorge Mendes deixou o projecto em Dezembro, eram buracos por todos os lados. Conclusão: o clube fechou as portas e fiquei sem cinco meses de ordenado. A partir daí foi sempre a descer.

Porquê?

Tive algumas propostas mas não aceitei porque não gostei dos projectos. Fui para o Valdevez e ainda joguei um ano no Lousada antes de vir para o Vilaverdense, onde estive dois anos. Depois joguei sete anos no Lanhas, clube da minha terra, até terminar a carreira na época passada.

Pensa que podia ter chegado mais longe? Fiz uma carreira bonita. Joguei durante 10 anos na II Liga e fui 33 vezes internacional pelas selecções mais jovens. Mas podia

ter jogado mais tempo na I Liga. Na altura era mais difícil que agora, não havia tantos empresários, nem um mercado internacional como há hoje em dia. A oportunidade foi-me dada e agarrei-a. Ainda hoje muitos adeptos do SC Braga dizem que se eu fosse estrangeiro tinha ficado no clube.

«Fiquei sem 50 mil euros» O que lhe deu o futebol?

O futebol deu-me muita coisa. Fiz alguns amigos, conheci muitas pessoas, umas boas, outras nem por isso. Financeiramente comprei uma casa, mas também fiquei a “arder” com mais de 50 mil euros ao longo da minha carreira. Infelizmente, muito desse dinheiro já o não vou receber.

“
«Fiz uma carreira bonita. Joguei durante 10 anos na II Liga e fui 33 vezes internacional pelas selecções mais jovens»
”

«Ameaçaram-me que não ia mais à Selecção»

Chegou a estar na órbita do FC Porto?

«É verdade. O FC Porto andava a seguir-me desde os iniciados. O SC Braga sabia disso e então dava-me prémios. Nos iniciados ganhava 20 contos. Depois, os responsáveis do FC Porto reuniram com o meu pai e o meu irmão mais velho, o Gusto, que é adjunto do Rio Ave. Lembro-me que nesse dia estava na Selecção e o Sérgio Conceição, meu colega de quarto, até me perguntou se já tinha assinado. Na altura, o irmão dele

estava a tratar a transferência dele da Académica para o FC Porto. O FC Porto fez-me uma proposta de dois anos e o SC Braga ofereceu-me três, contrato profissional e deu-me 160 contos. Sei que até envolveu o Mesquita Machado, que foi a casa dos meus pais. Diziam que se fosse jogar para o FC Porto não ia mais à Selecção Nacional. Acabei por ficar em Braga. Não sei se fiz bem ou mal».



Equipa que jogou no Mundialito na Venezuela

Jaime Pacheco, o sonâmbulo



Central em acção num dos muitos jogos que realizou

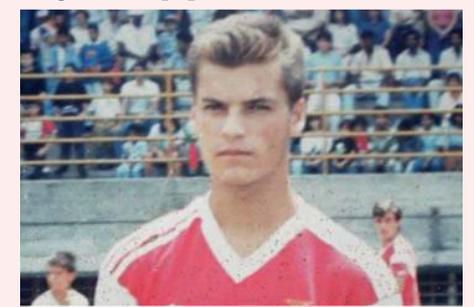
Entre muitas histórias ao longo da sua carreira, Rui Gama não esquece uma partida que Jaime Pacheco lhe pregou ainda no primeiro ano de sénior. «Num jogo em Alvalade, o Jaime Pacheco dormiu no meu quarto. O recolher era às 23h00, mas quando ele chegou eu já estava na cama. Então ele disse-me: “Rapaz, olha que eu sou sonâmbulo. Posso acordar a meio da noite e dar-te um enxerto de porrada”. Não preguei olho durante a noite toda. Mal ele se mexia, metia logo a cabeça debaixo da almofada. Ao pequeno-almoço ele contou a história e foi uma risota geral. Deu-me um abraço. Era gente boa», contou.

Campeão no Mundialito e 3.º no Europeu

33 internacionalizações pelas selecções jovens

Rui Gama chegou à Selecção Nacional através do Torneio Lopes da Silva, no escalão de Sub-15. No lote de mais de 50 jogadores acabou por ser eleito para representar Portugal no Mundialito da Venezuela, que na altura (década 80/90) era a capital do futebol jovem. De lá trouxeram o primeiro lugar. Depois registou 33 internacionalizações em todas as selecções jovens. «Quando recebi a notícia que ia ao Mundialito nem dormi», conta Rui Gama, que também conquistou um terceiro lugar no Europeu de Sub-17, disputado em Inglaterra. «Fomos eliminados nas meias-finais pela equipa de Beckham, Gary Neville e Paul Scholes, entre outros. Eles acabaram por ganhar o tor-

neio. Tínhamos uma boa equipa, mas penso que da minha geração apenas o Sérgio Conceição, Nuno Gomes e o Quim é que chegaram à equipa A», refere.



Rui Gama passou por todas as selecções jovens

GD CALDELAS

Para sempre no coração dos caldelenses

GD Caldelas e Junta de Freguesia homenagearam Bertinho

António Valdemar

Carlos Alberto Pereira Batista, Bertinho para os amigos, passou 27 anos da sua vida no GD Caldelas. Pelas suas mãos passaram os equipamentos que vestirem várias gerações de jogadores do clube. Era o roupeiro do Caldelas. Querido e respeitado por todos, nem mesmo as dificuldades de expressão (surdo-mudo) impediam que se fizesse entender por todos. No dia 23 de Março de 2019, Bertinho partiu, após uma longa luta contra o cancro. Tinha apenas 47 anos e deixou saudades na Vila e no clube. O GD Caldelas e a Junta de Freguesia não o esqueceram, prestando-lhe homenagem no dia de São Tiago (25 Julho) para que o seu nome ficasse eternizado no parque de jogos das Cachadinhas, onde «passou e viveu os momentos mais felizes da sua vida».

Uma homenagem que se iniciou com uma missa na igreja paroquial de Caldelas, seguida de uma romagem ao cemitério, onde foi depositada uma coroa de flores na campa. Depois, já nas Cachadinhas, foi descerrada uma placa à entrada para os balneários com o seu rosto estampado para que as gerações futuras não se esqueçam de um dos homens que ajudaram a escrever a história do GD Caldelas.

A Direcção do Caldelas ofereceu também um quadro da autoria da artista Sílvia Dias

à família de Bertinho.

A mãe, irmã e sobrinha estiverem presentes nesta homenagem carregada de sentimentos, que juntou também o Presidente da Câmara de Amares, Manuel Moreira, o Presidente da Junta da União de Freguesias

de Caldelas, Sequeiros e Paranhos, José Almeida, o Presidente do GD Caldelas, João Abel, bem como antigos e actuais dirigentes e jogadores do clube, entre outras pessoas da Freguesia que também quiserem marcar presença neste tributo.



Irmã e sobrinha estiveram presentes na homenagem a Bertinho

Manuel Moreira Presidente da Câmara

«O Bertinho era um pessoa encantadora, muito afável e reconhecido por todos. Aprendi muito com a sua simplicidade. Era genuíno e espontâneo. Amava o futebol e a vida. Acredito que está a olhar por nós. É uma homenagem mais do que justa».

João Abel Presidente do GD Caldelas

«Era o motor do Caldelas e estamos todos a sentir muito a sua falta. Vai ser difícil substituí-lo, com ele não falhava nada, era uma máquina. Queríamos fazer esta homenagem na passagem do aniversário da sua morte, mas devido à pandemia não foi possível. É um gesto mais do que merecido para uma pessoa que deu muito ao nosso clube. Será lembrado para sempre».

José Almeida Presidente da Junta

«O Carlos Alberto foi um funcionário exemplar e esta homenagem é mais do que merecida. Escolhemos este sítio pois era onde ele gostava de estar e também para os jogadores que o conheceram se lembrarem dele e terem forças para ajudar o Caldelas a conquistar muitas vitórias».



GD GERÊS

Dobrões aponta GD Gerês aos lugares cimeiros

Clube tem dois reforços vindos de Terras de Bouro



Pinto vai cumprir a 17ª época no Gerês

Ricardo Reis Costa

Discutir os lugares cimeiros é a ambição do treinador Manuel Dobrões para a nova temporada desportiva do GD Gerês. «Quem compete na I Divisão, como é o nosso caso, tem que olhar para os primeiros lugares. Obviamente não vou dizer que vamos subir de divisão, porque há equipas mais favoritas e candidatas do que nós, mas queremos intrometer-nos na luta», explicou o técnico.

Depois de ter orientado a equipa em quatro jogos na última época, até ao fim

prematureo devido à pandemia, Dobrões mostra-se agora «muito motivado» para iniciar 2020-2021 ao leme dos geresianos. «Percebi que o grupo tem qualidade, é dedicado e empenhado, o que me levou a querer continuar. A espinha dorsal mantém-se e isso é fundamental», assegurou. Para a nova época, o GD Gerês assegurou até ao momento dois reforços, que na última época jogaram no Terras de Bouro: o médio defensivo/central Paulo Costa e o lateral Martins. O clube deverá ainda contratar mais um guarda-redes, sendo que o arranque da pré-época até agendado para o final de Agosto.

Nuno Esteves mais dois anos no Lanhas

Presidente foi reeleito no último dia de Julho



Lanhas reuniu em AG no dia 31

Nuno Esteves foi reeleito para o biénio 2020/22 na presidência do GCDR Lanhas. O acto eleitoral decorreu no dia 31 de Julho e apenas se apresentou uma lista a sufrágio eleitoral. Nuno Esteves assumiu a presidência do clube em 2010, mas antes já tinha cumprido dois mandatos como Tesoureiro do clube e disse ao Desportivo que este «será o meu último mandato».

GD CALDELAS - DIAS

Dias pronto para dar novo impulso à carreira

Central espera brilhar no Caldelas para ainda chegar ao Campeonato de Portugal

António Valdemar

Rui Dias quer fazer uma grande época ao serviço do GD Caldelas para relançar a carreira de futebolista e tentar chegar ao Campeonato de Portugal. O central acredita que a turma caldelense é o clube ideal para voltar à ribalta e confidenciou que a chegada à equipa orientada por Vitinho foi a consumação de um namoro antigo. «O “mister” já me tinha convidado outras vezes e desta não podia dizer que não. Aceitei mais pela insistência do Vitinho, pois fez-me sentir que me queria muito no plantel», contou o jogador, que nas duas últimas épocas jogou no Soarense.

«Foram dois anos maravilhosos, num clube com excelentes pessoas. Era o capitão de equipa e em duas épocas apenas não joguei três jogos. Saio apenas com mágoa de não ter ajudado a equipa a subir à Divisão de Honra, pois aquele clube merece estar noutros patamares. Eles compreenderam a minha saída, isso é o importante nestas situações. Deixei mais uma porta aberta, como tem acontecido em todos os clubes em que joguei», acrescentou o jogador, que espera relançar a carreira no Caldelas.

«É um bom clube, perto de casa, com bons jogadores e até já joguei com muitos deles. Penso que posso ajudar a equipa a fazer um bom campeonato e também espero relançar a minha carreira, pois ainda gostava de chegar pelo menos ao Campeonato de Portugal», frisou o central de 23 anos, que fez a formação no SC Braga e Merelinense, tendo depois passado por Santa Maria, Terras de Bouro e Dumienense. Dias abordou ainda a próxima época dos caldelenses, que espera ajudar a superar o 7.º lugar conseguido na época passada no campeonato da Divisão de Honra.

«O Caldelas fez um excelente campeonato e vamos tentar melhorar essa clas-



Rui Dias vai jogar pela primeira vez num clube do concelho de Amares

sificação, embora reconheça que vai ser muito difícil. Mas, essencialmente, queremos fazer um campeonato tranquilo e penso que temos condições para isso. A base do plantel manteve-se e chegaram reforços para acrescentar valor à equipa», disse o jogador, que individualmente espera trazer mais qualidade nas transições, mais centímetros e mais irreverência. «Gosto de jogar na antecipação e também saio bem a jogar. Tenho a certeza que vou aprender muito com os meus colegas de sector, que são jogadores muito experientes», rematou.

Lesão no joelho travou carreira promissora

Dias com seis títulos na formação

Rui Dias jogou cinco anos nas camadas jovens do SC Braga, onde conquistou quatro títulos distritais até ao escalão de juvenis. Depois, mudou-se para o Merelinense para completar a formação e antes de chegar ao futebol adulto ainda teve tempo de erguer mais dois “canecos” com a dobrinha no último ano de juniores.

«Se tinha sonhos? Claro que tinha. Ganhei quatro títulos no SC Braga e dois no Merelinense. Terminei a formação com seis títulos

no currículo. No primeiro ano de sénior não fiquei no Merelinense porque tinham uma grande equipa no Campeonato de Portugal», frisou o central de 23 anos, que então mudou para o Santa Maria.

«As coisas estavam a correr bem até me ter lesionado no joelho direito. Era uma lesão para durar dois meses e acabei por estar parado seis por causa dos atrasos com os seguros. A partir daí foi sempre a descer», lamentou.

Dispensado na pré-época por Luís Manuel

Passagem fugaz pelo FC Amares



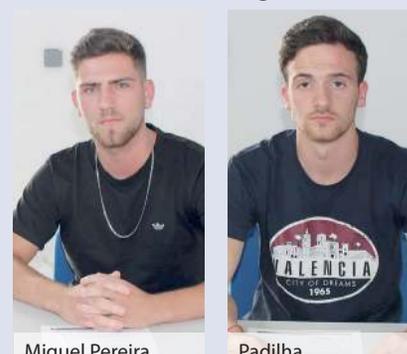
Dias jogou no Soarense na época passada

No início da época 2018/19, Rui Dias assinou pelo FC Amares. O central ainda chegou a fazer a pré-época mas a poucas semanas do arranque do campeonato Luís Manuel fez saber à Direcção que não contava com os serviços do jogador. Uma situação que deixou Dias sem clube a poucos dias do arranque dos campeonatos. «Não tenho nada a apontar aos dirigentes do FC Amares que fizeram sempre pressão para eu ficar. Aliás, tenho de agradecer ao Pedro Reis, que me ajudou a ir para o Soarense. O que ficou foi uma relação azeda com o “mister” Luís Manuel, porque isso não se faz. Mas já está tudo ultrapassado», disse.

Equipa com quatro caras novas

Plantel ainda está em construção

Até ao fecho da edição, o GD Caldelas tinha assegurado o concurso de 17 jogadores, sendo que quatro são caras novas. No entanto, o plantel está longe de estar fechado e até ao arranque dos trabalhos para a nova época ainda vão entrar mais atletas para “atacar” a manutenção na Divisão de Honra da AF Braga.



Miguel Pereira

Padilha

Plantel para a época 20-21

Guarda-redes

Lima
Ivo Catalão (ex-AD Ponte da Barca)

Defesas

Gustavo
Bruno Dias
Julinho
Mouzinho
Rui Dias (ex-Soarense)

Médios

Pedro Reis
Caniggia
Falcão
Abílio
Paulinho
Rodrigo Padilha (ex-juniores Lomarense)
Miguel Pereira (ex-Dumienense)

Avançados

Tekla
Fugaça
Simão

RIBEIRA DO NEIVA - MIGUEL SILVA

«Tenho dois ou três anos para tentar dar o salto»

Miguel Silva quer ajudar o Ribeira do Neiva a fazer um bom campeonato



Avançado jogou no Santa Maria na época passada

António Valdemar

Miguel Silva é um dos reforços mais sonantes da equipa do Ribeira do Neiva para a época de 2020-21. O avançado de 22 anos pretende fazer uma «grande temporada» para ajudar o clube a manter-se na Honra e afirmar-se definitivamente na Distrital para tentar dar o salto para os Nacionais de futebol.

«Penso que tenho dois ou três anos para dar o salto. Já joguei na Honra e na Pró-Nacional, mas ainda não consegui afirmar-me verdadeiramente nestes campeonatos. Também foi um pouco por isso que decidi vir para o Ribeira do Neiva. Quero jogar com regularidade, ganhar confiança num escalão inferior, pois muitas vezes é isso que nos faz falta», confidenciou o jogador, mostrando-se confiante na realização de uma grande época no seu novo clube. «Não conhecia o clube, mas já lá estive quando fui assinar e tem condições ao nível dos melhores clubes onde joguei. As pessoas mostraram sempre um grande carinho e confiança nas minhas qualidades e também estou mais perto de casa. Por

isso, penso que estão reunidas as condições para fazer uma boa época, tanto individual como colectivamente», disse.

A influência do «amigo» Jorge Oliveira
Miguel Silva não nega que um dos principais responsáveis da sua ida para o Ribeira do Neiva foi Jorge Oliveira, Coordenador Geral do clube, com quem trabalhou na formação do Vilaverdense FC.

«Felizmente, tive convites de clubes da Pró-Nacional e da Honra, que provavelmente vão lutar pela subida, mas o Jorge, por quem tenho uma grande admiração e respeito, convenceu-me a assinar pelo Ribeira do Neiva. No entanto, também queria descer um patamar para ganhar mais confiança», disse o avançado, apontando de seguida, as metas da equipa. «Os objetivos passam por assegurar a manutenção o mais rapidamente possível. Sei que na época passada o clube andou nos últimos lugares, mas quando parou o campeonato devido à pandemia ainda se podia manter. Queremos fazer uma época tranquila para que o clube se afirme nesta divisão», anotou.

«Não mostraram muito interesse em que ficasse»

Promessa no Vilaverdense acabou no Amares

Miguel Silva começou a jogar no CD Lago, mas depressa deu o salto para o Vilaverdense, onde jogou até ao primeiro ano de júnior. «Senti que estava estagnado, ia para o meu último ano de júnior e, apesar de treinar com os seniores, seria muito difícil ficar na equipa principal, que na altura estava nos Nacionais a lutar pelos primeiros lugares. Por isso, conversei com o meu pai e decidi mudar de ares», contou.

bém ajudou. Depois, na Pró-Nacional, não correu tão bem. Isto porque colectivamente as coisas também não estavam famosas e até acabamos por descer», frisou Miguel Silva, que na época passada jogou no Santa Maria.

«Foi uma opção minha, mas os responsáveis do Amares também não mostraram muito interesse em que eu ficasse no clube. Não senti por parte da Direcção um gran-

de interesse», atirou, acrescentando: «Fui para o Santa Maria sem conhecer ninguém e saí de lá com muitos amigos. Em termos desportivos podia ter sido melhor. Não fui titularíssimo, mas joguei algumas vezes. No final da época, o “mister” João Salgueiro foi muito correcto comigo. Disse-me que podia ficar, mas que iam contratar mais avançados. Decidi sair para jogar com mais regularidade».

«Fui para o Santa Maria sem conhecer ninguém e saí de lá com muitos amigos»

Uma questão de mais “nervo”
Diz quem o conhece bem

Qualidades não lhe faltam. Pelo menos é que dizem os treinadores e os colegas que já trabalharam com Miguel Silva. Porém, quase todos afirmam que precisa de ter mais agressividade e “nervo” na disputa dos lances. «É o que dizem e tenho que concordar, mas isso às vezes também tem que ver com a confiança ou neste caso a falta dela. Vou trabalhar para melhorar esse aspecto», prometeu o atacante, que se adapta bem a qualquer sistema, embora goste de jogar sozinho na frente.

No FC Amares, o atacante fez perto de 50 golos no campeonato de juniores da I Divisão. Depois passou mais três anos nos seniores, mas nunca se conseguiu afirmar, verdadeiramente, na equipa principal. «No primeiro ano fiz alguns jogos na equipa B, mas depois dei o salto para a principal e ia jogando nas duas equipas. A segunda época correu muito bem. Fiz 19 golos na Divisão de Honra. Foi a minha melhor época no FC Amares. O facto de a equipa andar sempre nos primeiros lugares tam-



Miguel Silva quer afirmar-se no futebol distrital para dar o salto para os Nacionais

Plantel época 20/21

Guarda-redes: Hélder (ex-Neves) e João Pedro (ex-Pousa)

Defesas: Túlio, Hugo, Alex, Rock, Henrique, João Pereira e Titi

Médios: Artur, Carvalho, Bogas, Tiago Oliveira, João Rocha (ex-Realense) e Laranja (ex-Martim)

Avançados: Andrezinho, Rafinha, Rafa Lopes, Nelinho (regresso), Rodrigo Sobral (ex-Realense) e Miguel Silva (ex-Santa Maria)

Treinador: Zequinha



CABREIROS - MÁRIO PAULA

António Valdemar

Depois de nove anos consecutivos no Vilaverdense FC e mais dois no FC Amares, Mário Paula decidiu sair da «zona de conforto» para jogar no SC Cabreiros na época 2020-21. O guarda-redes de 24 anos diz que esta mudança vai ser positiva e explicou ainda porque escolheu a equipa bracarense para dar continuidade à carreira futebolística.

«Apesar de não ser natural de Vila Verde, não tenho problema em dizer que o “Vila” é o clube do meu coração»

«O facto de o Cabreiros jogar na Pró-Nacional não foi o principal motivo para ter aceiteado este convite. Gostei da forma como demonstraram interesse em que fosse para lá e também vou reencontrar o “mister” Pedro Rocha, que foi meu treinador no FC Amares. Felizmente, tive muitos convites, tanto da “Pró” como da Honra, mas achei que o Cabreiros seria a melhor escolha nesta altura da minha carreira. Penso que me vai fazer bem sair da minha zona de conforto», confidenciou o guarda-redes de 24 anos, que antes de chegar ao Vilaverdense FC passou pelo futebol 7 do Bragafut, GD Prado e Palmeiras, onde se sagrou campeão distrital.

«É preciso ter noção que o Vilaverdense esteve muitos anos nos Nacionais com grandes guarda-redes como o Miguel, o Rui Rego e o Pedro Freitas, com quem aprendi muito. O pior resultado, tirando a última época nos Nacionais, foi o primeiro lugar da zona de descida. Não era fácil ser titular neste projecto e logo com estes guarda-redes. Aprendi muito com eles, mas preferia tê-los conhecido noutra contexto, pois era sinal que não seria suplentes deles», referiu.



Mário Paula quer conquistar a baliza da equipa bracarense

«O “Vila” é o meu clube do coração» Mário Paula explicou ainda porque preferiu ser segunda opção do que jogar com mais regularidade numa divisão inferior. «No futebol actual é impossível ser-se guarda-redes profissional com menos de 1.88m e eu tenho menos oito centímetros. Mesmo na formação senti-me muitas vezes colocado de parte por clubes como o SC Braga, Vitória SC, entre outros, devido a ter uma estatura baixa. Senti que não podia chegar a profissional e deitei a toalha ao chão cedo demais», frisou, acrescentando que não foi fácil ter deixado o clube que o formou. «Apesar de não ser natural de Vila Verde, não tenho problemas em dizer que o “Vila” é o clube do meu coração. Cresci lá como futebolista e homem. As pessoas acarinharam-me e deram-me oportunidade de ingressar nos seniores. Foi lá que passei os melhores momentos da minha vida. Como costumamos dizer no mundo da bola, “joguei com muitos atrasados mentais” que levo no coração para a vida toda», frisou.

«Podia ter sido um 10 ou extremo esquerdo»

Guarda-redes por influência do pai

Mário Paula diz que a sua paixão pela baliza nasceu pela influência do pai, que também foi guarda-redes. «Até jogava bem com os pés. Na brincadeira até costume dizer que se não fosse o meu pai, a esta hora era número 10 ou extremo esquerdo», brinca.

«A proposta que me fizeram não valorizava o meu trabalho»

Mário Paula explica a decisão de sair do FC Amares

Mário Paula abordou ainda a passagem curta pelo FC Amares. O guarda-redes sublinha que foi uma estadia «conturbada» e lamenta que não lhe tivessem dado

o «devido valor». No entanto, ressalva que guarda um «carinho especial» pelo clube da sua terra.



Guarda-redes representou o Amares na época passada

Como foram estas duas épocas no FC Amares?

Foi um percurso conturbado devido a muitos factores. Fiz muitos amigos e trabalhei com plantéis excelentes e de qualidade. Guardei essencialmente um carinho muito especial pelo clube, pois é o clube da minha terra.

No primeiro ano falhei individualmente derivado a muitos factores. Fui para um clube muito diferente da realidade a que estava habituado, com muito pouca organização e falta de gestão futebolística. No segundo ano, já havia mais organização e melhor estrutura. As coisas no início correram bem, mas depois já não estavam a correr tão bem e não se sabe como iriam terminar.

Não foi convidado a renovar?

O FC Amares fez-me uma proposta que

achei que não valorizava o meu trabalho, pois numa época que até vão subir o orçamento queriam reduzir as minhas ajudas de custo. Indirectamente, penso que me queriam mandar embora. Quando sentes que estás a mais e que não valorizam o teu trabalho, para mim é suficiente para não querer estar nesse lugar. Contudo, desejo as maiores felicidades ao FC Amares, porque independentemente de quem o represente irá ser sempre um grande clube. O clube tem uma dimensão regional enorme, condições e massa adepta para outros palcos. Precisa é de união, de cultivar a mística que o típico amarense tem, investindo na formação e, acima de tudo, de gente que trabalhe por amor ao emblema e à terra e que pense no futuro e sustentabilidade do clube a médio prazo e não só no presente.

CLUBE NÁUTICO DE PRADO

Campeões Nacionais na Maratona

Clube Náutico de Prado trouxe 18 medalhas de Montemor



Canoístas que conquistaram o bi-campeonato de maratonas para o Náutico de Prado

António Valdemar

O Clube Náutico de Prado sagrou-se bicampeão nacional de Maratonas (seniores e juniores) e vice-campeão em Esperanças (infantis e cadetes), duas provas realizadas na pista de Montemor-o-Velho, no mês de Julho. Ao todo, os canoístas pradenses conquistaram sete medalhas de ouro, cinco de prata e seis de bronze.

«Os atletas estão de parabéns, pois em condições extremamente difíceis, devido ao calor, conseguiram superar as dificuldades com empenho, dedicação e companheirismo. Também tenho de dei-

xejar uma palavra para o pessoal que nos apoiou nas bicicletas. Foram incansáveis durante todas as provas. Temos um excelente grupo», destacou José Ramalho, coordenador técnico do CN Prado, que conquistou a 35.ª medalha e sétima de ouro consecutiva nos Nacionais de maratona.

«Com as altas temperaturas e a água quente até eu tive muitas dificuldades em terminar a prova. Tivemos dois ou três atletas que foram directos para a ambulância, pois estavam exaustos e desidratados. Em provas com estas dificuldades quem aprende mais são os professores», disse o experiente atleta, que destacou

também o trabalho fora da água.

«Fazemos um acompanhamento fora da água ao longo do ano. Reunimos com frequência e vamos percebendo as suas necessidades e o que os motiva. A Rita tem essa capacidade e eles têm sempre esse apoio complementar. Estamos a viver um momento de grande ambiente», frisa José Ramalho.

«Parece que estamos a trabalhar com profissionais»

Rita Ramalho é formada em Fisiologia, com Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo e é por ela que passam todos os aspectos mais invisíveis do

treino e da competição, mas que no final acabam por ter um papel extremamente importante no sucesso ou insucesso dos atletas.

«Acompanho o plano de treino na parte fisiológica, como dosear as capacidades de treino, perceber se eles vão cumprir as intensidades e se elas estão a cumprir com o seu organismo, porque cada atleta reage de uma forma diferente. Tento também adaptar a carga de treino para as especificidades de cada um. Trabalho a parte mental para ajudar a que fiquem mais focados e percebam que conseguem tirar o melhor proveito das suas capacidades.



José Ramalho
K1 seniores

«Com o calor que estava até para mim foi difícil terminar a prova. Este foi o meu sétimo título consecutivo na Maratona, mas tenho muitos mais. Medalhas são já 35. Estou muito contente com o trabalho da equipa, estamos a atravessar um bom momento».



Catarina Afonso
C1 seniores

«Apesar de estar muito calor, que dificultou muito o andamento durante o percurso, consegui liderar a prova do início até ao fim. Treinei bem para conseguir o tricampeonato e subi mais uma vez ao lugar mais alto do pódio. O título colectivo foi a cereja no topo do bolo».



Maria Gomes
K1 juniores

«A prova correu como tinha planeado. Queria revalidar o título nacional de juniores e consegui. O nível nestas provas é sempre muito elevado. Destaquei-me logo na primeira portagem e depois foi só controlar a concorrência até ao fim. Fico contente por ter ajudado o clube a revalidar o título nacional».



Francisca Martins
C1 juniores

«Foi o meu primeiro título individual e por isso tem um sabor especial. Na primeira volta tive a ajuda da minha colega de equipa, mas depois fui sempre à frente. Para o ano já sou sénior e espero dar continuidade ao trabalho que tenho feito para conquistar mais medalhas individuais e colectivas».

e “Vices” em Esperanças



Esperanças do Náutico de Prado ficaram em segundo lugar no Nacional

Este trabalho de resiliência e mental é muito importante», explicou a técnica, acrescentando que estas questões podem, por exemplo, ditar a diferença entre um pódio ou não.

«A diferença que existe entre o 1.º e o 5.º lugar nos Jogos Olímpicos ou Mundiais é muito mental. Aquele que for mais resiliente até ao fim e que acredita que trabalhou para chegar lá acima vai vencer, porque durante uma prova passa muita coisa pela cabeça dos atletas e se não tiverem consciência que o que fazem fora da água é tão importante como o que fazem dentro, como o que comemos e o que descansamos, não adianta nada, pois o

barco não anda», frisou Rita Ramalho sublinhou ainda que a adaptação ao CN Prado foi «excelente» e elogiou a capacidade de trabalho dos atletas. «A adaptação tem sido muito boa, os atletas ouvem muito o que lhes dizemos, cumprem as intensidades do treino. O que nós sentimos é que são extremamente dedicados, até os que achamos menos estão acima da média. Têm gosto pela modalidade e pela terra e esforçam-se muito para trabalhar em equipa. Parece que estamos a trabalhar com profissionais», anotou.



Silvestre Pereira
C1 Veteranos

«Treinar com os miúdos dá-me um bom ritmo para competir nos veteranos. Senti-me bem e dominei a prova do início ao fim. A juntar ao sucesso individual ainda fomos campeões nacionais pelo segundo ano consecutivo. A equipa está muito forte».



Gaby
Nacional de Esperanças - K1 cadete

«Sempre que vou para uma prova é para ganhar. Conquistei o meu terceiro título consecutivo no meu último ano de cadetes, mas para o ano espero continuar a ganhar medalhas. Durante a prova estava um calor abafado. Tentei controlar sempre as minhas adversárias e só na parte final é que me destaquei».



«Se não tiverem consciência que o que fazem fora da água é tão importante como o que fazem dentro, não adianta nada, pois o barco não anda».



Afonso Pereira
Nacional de Esperanças - C1 infantil

«A prova correu bem, apenas senti dificuldades ao dar as voltas, pois tinha de controlar a pá pelo lado contrário. Já ganhei mais medalhas e vou trabalhar para subir mais vezes ao pódio, pois gostava de um dia ir aos Jogos Olímpicos».

Os medalhados

OURO

Seniores
José Ramalho (K1)
Ana Afonso (C1)

Juniões
Maria Rego Gomes (K1)
Francisca Martins (C1)

Veteranos
Silvestre Pereira (C1)

PRATA

Seniores
Márcia Faria (C1)

Juniões
Daniela Braga (C1)

BRONZE

Seniores
Filipe Vieira (C1)

Juniões
Rui Coelho (K1)

Veteranos (C)
José Barbosa (K1)

CLASSIFICAÇÃO

1.º CN Prado 196 pts
2.º CN Ponte Lima 176 pts
3.º Gemeses 106 pts

Esperanças

OURO

Ana Quintão Brito (k1)
Ana Afonso (C1)

PRATA

Daniela Gonçalves (C1)
Leonor Carvalho (C1)
Rodrigo Pereira (C1)

BRONZE

Nuno Barros (K1)
José Magalhães (C1)
Alexandre Braga (K1)

MARIA DA FONTE

«JOGANDO BEM ESTAMOS SEMPRE MAIS PERTO DE GANHAR»



Maria da Fonte quer fazer uma época tranquila no Campeonato de Portugal

António Valdemar

O Maria da Fonte foi uma das revelações da época passada no Campeonato de Portugal ao andar muito tempo na parte cimeira da tabela classificativa, conseguindo muito cedo assegurar a manutenção nos Nacionais de futebol. Para a nova temporada, esse é também o principal foco da equipa orientada por Dinis Rodrigues, que manteve a maioria dos jogadores da época passada e reforçou-se com sete atletas. A equipa mariafontista já arrancou com os trabalhos para a nova época desportiva, que deverá começar oficialmente em meados de Setembro.

Desportivo: Quais os objectivos para a nova época?

Dinis Rodrigues: A prioridade número um é manter o clube no Campeonato de Portugal, com a estabilidade da época transacta, que infelizmente acabou da forma que ninguém contava. Ainda não sabemos como vão ser os moldes do campeonato, mas vamos tentar repetir a época que fizemos,

com os mesmos processos, sendo sérios e a praticar um bom futebol. Digo sempre que jogando bem estamos sempre mais perto de ganhar. É isso que vamos tentar incutir no plantel.

No ano passado foram uma das surpresas do campeonato. Acha que podem repetir esse feito?

A nossa ideia é tentar fazer sempre mais e melhor. Como já referi, não sabemos os moldes em que o campeonato se vai desenrolar, mas queremos ter uma boa prestação, condizente com o que fizemos o ano passado e valorizar os jogadores.

O plantel dá-lhe garantias para fazer um bom campeonato?

Claro que sim. Transitaram 70% dos jogadores e os que vieram, apesar de jovens, alguns de outras divisões inferiores, acredito que vão sair valorizados no final da época. No final desta época alguns jogadores deram um passo para a Liga Profissional e outros foram para a mesma divisão, mas para clubes com outras ambições. Acredito

que se o campeonato tivesse terminado outros também iam seguir esse caminho, pois estavam a ser acompanhados por equipas profissionais. Se o campeonato tivesse terminado talvez não estivessem aqui.

O grupo está fechado ou pode entrar mais alguém?

É com estes jogadores que vamos à luta. Formámos um plantel dentro do orçamento do clube. Fomos buscar jogadores a divisões inferiores, como temos feito em épocas anteriores e com sucesso. Por exemplo, o Bruno Silva fez um excelente campeonato e deu o salto. Estes jovens que vieram sabem que podem fazer o mesmo. Eles são ambiciosos e podem valorizar-se para outros patamares.

Gostava de ter mantido algum jogador que acabou por sair?

Gostava de ter ficado com eles todos, mas há sempre entradas e saídas no final e início de cada época. Fico satisfeito quando vejo os jogadores sair para clubes de outros patamares, como há dois anos o Marna foi

para o SC Braga, este ano o Lima foi para a Oliveirense e outros também estavam na forja para sair se o campeonato não tivesse terminado abruptamente.

Esta época cinco equipas da região vão disputar o Campeonato de Portugal. Isso é bom para a competição?

Claro que sim. Existe mais rivalidade e isso pode trazer mais público aos jogos. Não sabemos ainda os moldes do campeonato e se vamos ficar todos na mesma série. Desde já gostava de dar os parabéns às equipas do Pevidém, Brito e Vilaverdense por terem subido de divisão.

Vai ser um campeonato mais forte?

Penso que sim. Muitas das equipas que ficaram em lugares de descida, mas acabaram por se manter nesta divisão devido à pandemia, estão reforçar-se muito para que não voltem a ser surpreendidas. Depois, se as séries tiveram 12 equipas, a margem de erro é menor. Por isso, vamos ter mais cuidado para não sermos surpreendidos.

Presidente quer um clube mais eclético

Natação, atletismo e andebol na forja



João Paulo Teixeira, presidente do Maria da Fonte

João Paulo Teixeira assumiu este ano a presidência do Maria da Fonte. Apesar de novo no cargo, o clube não lhe é um corpo estranho. O Presidente dos marifontistas tem uma história ligada ao principal emblema da Póvoa de Lanhoso. «Sou amigo pessoal do Armando Silva (anterior Presidente) e fui seu Vice-Presidente, mas houve uma altura em que fiz uma paragem sabática. Esta época, o Armando achou que estava na altura de passar a pasta e a Direcção pediu-me para dar continuidade ao projecto. O meu maior problema é a falta de tempo, mas eles

estão cá para me ajudarem. Estamos todos de corpo e alma neste clube», disse o novo Presidente do Maria da Fonte, na apresentação da equipa à comunicação social.

«Desde que subimos que o nosso objectivo é manter a equipa nos Nacionais, mas sempre com os pés bem assentes no chão, sem entrar em loucuras, nem hipotecar o futuro do clube. Esta época a premissa é a mesma. Se conseguirmos ir mais além, e acho que temos capacidade para isso se mantivermos o balneário unido, será mais uma época fantástica. No entanto, dizer que queremos

subir ou andar lá por cima é desaconselhável nesta altura. O objectivo principal é a manutenção e penso que estão reunidas as condições para dar tudo certo», frisou.

Uma das medidas tomadas pelo novo Presidente do Maria da Fonte foi a criação de uma equipa B. Um projecto com uma visão de futuro e que assume uma importância superlativa para João Paulo Teixeira. «Se tudo correr bem, como espero, vai ser muito importante no futuro do clube porque vamos ter um nicho para suportar a equipa sénior. Fomos buscar miúdos que andavam perdidos no futebol e outros que estavam em clubes de perto e outros da formação. Dou sempre preferência à formação, porque temos em pensar em formar para a equipa sénior», atirou.

Projectos

Para além do projecto da equipa B, João Paulo Teixeira diz que a Direcção tem outras ideias para serem implementadas mas que devido à pandemia podem ficar na gaveta.

«Temos um projecto dedicado à natação, outro ao atletismo e outro ao andebol. Mas esta altura é tão difícil para pensar em projectos pelas várias condicionantes que existem mesmo na prática da modalidade. Isso faz-nos colocar um pé no travão. Gostávamos que avançassem esta época mas estamos com muitas dificuldades e até em termos de futebol de formação não sabemos bem se vai arrancar. Isso seria terrível», disse o líder dos marifontistas.

Plantel época 20-21

Guarda-redes

Paulinho e Pedro Sá

Defesas

Rui Abreu, Pedro Araújo (ex-Vilaverdense), Ruizinho, Cabreira, Luiz Alberto, Márcio Oliveira e Tico (ex-Guilhofrei)

Médios

Caseiro, Dino, Dinis (ex-Forjães), Joãozinho, Telmo, Henrique e Marques

Avançados

Hugo Neto (ex-Caldas), Xavier (ex-Merelinense), Hircane (ex-Merelinense) e Luís Guerra (ex-Vieira)



Seis dos sete reforços do Maria da Fonte

Jogos de preparação

12 Agosto

Maria Fonte - Gil Vicente (sub-19) | 20h00

15 Agosto

Maria Fonte - Berço | 10h30

19 Agosto

Maria Fonte - Brito | 20h00

22 Agosto

Maria Fonte - Tirsense | 10h30

26 Agosto

Maria Fonte - Taipas | 20h00

29 Agosto

Maria Fonte - S. Martinho | 10h30

2 Setembro

Maria Fonte-Vieira | 20h00

5 Setembro

Maria Fonte - Felgueiras | 10h30

9 Setembro

Pevidém - Maria Fonte | 10h30

12 Setembro

Maria da Fonte - Fafe | 10h30

19 Setembro

Apresentação (adversário a definir)



Telmo

«Tentar fazer melhor»

«É a quarta época no clube. O objectivo é alcançar a manutenção o mais rápido possível e tentar fazer melhor do que o ano passado, que foi a melhor época do clube apesar de não ficar registado. Ainda é tudo muito precoce. Já tinha saudades do futebol mas o mais importante é a saúde. Está reunido um bom grupo».



Hircane

«Não sabemos o que vamos encontrar»

«O Maria da Fonte é um clube que sempre faz bons campeonatos, organizado, humilde mas com boas qualidades. Em termos pessoais, pretendo ajudar a equipa e fazer o maior número de jogos. Vamos querer pensar jogo a jogo e, certamente, disputar os três pontos sempre. Este ano, estamos todos na expectativa, não sabemos o que vamos encontrar».

Equipa Técnica

Treinador: Dinis Rodrigues

Treinador Adjunto: Paulo Rafael

Preparador Físico: Carlos Costa

Treinador de guarda-redes: José Lopes



Dinis Rodrigues (2º à esquerda) e a sua equipa técnica

Departamento Médico

Enfermeiro: António Carneiro (Toninho)

Fisioterapeuta: Daniela Rodrigues

Técnico de equipamentos: João Silva

Técnico do relvado: João Oliveira

CLUBE DESPORTIVO MAXIMINENSE

António Valdemar

O Clube Desportivo Maximinense completou no dia 16 de Julho 89 anos de vida. O clube bracarense, fundado em 1931, quer como prenda de anos a subida da equipa sénior ao campeonato da Divisão de Honra da AF Braga. Esse é o desejo da nova Direcção do clube, liderada por Nuno Carvalho, para além da aposta na formação, que tem sido uma das bandeiras do clube nos últimos anos.

«O senhor Luís Gomes disse-nos que estava cansado e que não pretendia continuar como Presidente do clube. Então eu e mais alguns elementos da Direcção decidimos avançar com uma equipa para levar o nome do Maximinense a bom porto. Oitenta por cento das pessoas que estavam na anterior Direcção acompanharam-me», explicou Nuno Carvalho, que já não é um novato nestas coisas do dirigismo desportivo.

«Este vai ser o 13.º ano que estou na Direcção do Maximinense. Entrei como Vogal, com o Miguel Bento, e nos últimos anos fui Secretário-Geral do clube», destacou novo líder do Maximinense, lembrando que «este clube já foi um “gigante”» e que pretende “acordar o monstro”. «O clube está um pouco morto e nós queremos fazê-lo renascer», atira.

Para isso, Nuno Carvalho diz que é preciso levar o clube para outras divisões. «Somos candidatos à subida, isso é ponto assente», afirmou o dirigente, acrescentando: «Na época passada éramos das equipas que melhor futebol praticavam e não subimos por causa da pandemia. Para esta época ficámos com a maioria dos jogadores, que estão no clube há muitos anos com o treinador (Pedro Silva), que é um homem da casa. Está na altura de dar o salto para outra divisão».

BTT e futebol feminino*Clube mais eclético*

O parque de jogos José Cunha Gomes sofreu obras de melhoramento. A bancada foi coberta e está agora equipada com cadeiras. O clube dispõe também de dois novos balneários, que irão ser estreados brevemente. «Era uma luta de mais de sete anos do senhor Luís Gomes que finalmente está concretizada. A Câmara de Braga construiu os balneários, mas com a condição de arrancarmos com o futebol feminino. Esta época não vai ser possível, mas para o ano vamos apostar numa ou duas equipas de sub-13 ou sub-14», revelou. Nuno Carvalho também pretende abrir as portas do clube a outras modalidades. «Não queremos que o Maximinense seja apenas conhecido pelo futebol. Temos já em mente um projecto para o BTT e queremos ter mais modalidades, queremos um clube mais eclético», disse, acrescentando ainda que a Direcção vai construir um ginásio.

**Maximinense completou 89 anos de vida no mês de Julho****Formação como bandeira**

Nos últimos anos, o Maximinense tem apostado na formação e as sementes começam a dar frutos. A equipa sénior é composta na sua grande maioria por atletas da “cantera” do clube e este ano os juvenis e juniores subiram à Divisão de Honra. «Temos mais de 200 miúdos na formação e temos de gerir bem o único espaço que temos para jogar e treinar. Queremos manter as equipas na Honra e conquistar um título no futebol 7. Penso que nos está a fugir há alguns anos», destacou.

Orçamento de 65 mil euros

Com um orçamento a rondar os 65 mil euros, Nuno Carvalho diz que o clube

tem as contas «controladas», faltando apenas resolver duas dívidas antigas à AF Braga e à AGERE.

«Na Associação já abatemos a dívida e vamos tentar resolver o problema com a AGERE. Financeiramente são estas as nossas maiores preocupações», disse o Presidente, que durante o Inverno chega a pagar 1.200 euros de luz, gás e água. «Temos a ajuda do Município, da Junta e de poucos particulares, apenas os amigos do clube. E aqui não posso esquecer a Pastelaria Maximinense, que nos tem ajudado muito. Resolveu-nos uma dívida de 8 mil euros e fornece-nos os lanches. Fica desde já a promessa que quando pudermos vamos fazer uma homenagem ao senhor Carlos, que nos

merece muito respeito».

Campanha de sócios

Nuno Carvalho sublinhou ainda que a população da Freguesia de Maximinos anda afastada do clube e lamenta que apenas «um ou dois elementos» da Direcção sejam de Maximinos. «Eu sou de Lomar, mas habituei-me a gostar o clube e isso acontece igualmente com a maioria das pessoas que estão na Direcção, que são pais dos jogadores e foram ficando pelo clube», frisa.

Para inverter esta situação, a Direcção do Maximinense vai promover uma campanha de sócios. «Actualmente, somos 230 sócios pagantes, mas queremos que os associados mais antigos e anti-



«Quero deixar a minha marca no Maximinense»

Pedro Silva promete «uma equipa ganhadora»

Pedro Silva não esconde a ambição de colocar a equipa do Maximinense na Divisão de Honra. O treinador, de 33 anos, diz que quer «deixar a sua marca no clube». «Não sei se vamos conseguir, mas vamos tentar. O que posso prometer é que teremos novamente uma equipa ganhadora a lutar pelos três pontos em todos os jogos. Vamos dar muito trabalho», disse o treinador, que vai para a segunda época ao leme da equipa do Maximinense.

«A maior parte do grupo de trabalho estava comprometida com a Direcção e com o treinador. Renovámos com 18 jogadores, promovemos dois juniores e contratámos três atletas. O plantel está formado. Só entra mais alguém se for realmente melhor do que os que cá estão, em quem confiamos muito», afirmou. Pedro Silva mostrou-se ainda satisfeito com as condições de trabalho, garantindo que estão ao nível dos clubes que militam no campeonato da Pró-Nacional.

«O que posso prometer é que teremos novamente uma equipa ganhadora a lutar pelos três pontos em todos os jogos»

«Na época passada facilitámos em alguns jogos contra equipas teoricamente mais acessíveis. Este ano temos de mudar esse comportamento. Temos de olhar para todos os jogos com a mesma vontade, não podemos encarar o jogo com o primeiro de uma forma e com o sétimo de outra. Não podemos pensar que os jogos estão ganhos antes de jogar», frisou, acrescentando que não sentiu dificuldades em formar o plantel.

Chegar ao futebol profissional

O técnico ainda está a dar os primeiros passos na carreira de treinador. Depois de ter passado pela formação de Realense, Maximinense e GD Prado, vai cumprir o segundo ano como treinador dos seniores do Maximinense.

«A minha grande ambição é chegar ao futebol profissional, mas para isso não preciso de passar por cima de ninguém. Quero chegar lá pelo meu trabalho e competência. Não sei se vou conseguir, mas vou trabalhar para isso», frisou o treinador, que tem uma ideia de jogo bem definida. «Sou uma pessoa apaixonada pelo futebol, tirei cursos e fiz formações. Todos os dias vejo muitos jogos porque quero aprender cada vez mais. A minha ideia de jogo é de posse, circulação, desmontar o adversário. Acredito nesta ideia. Na época passada perdi alguns jogos por causa disso, mas acredito que é com ela que vou chegar ao topo», rematou.



«Já não é só “bater bombo”»

Campeonato com qualidade

Pedro Silva diz que muitos jogadores ainda recusam jogar no campeonato da I Divisão, pois ainda pensam que se joga como antigamente. No entanto, o treinador garante que já se joga «bom futebol» neste campeonato. «Já não é “bater bombo”, como muitas pessoas ainda pensam. Os treinadores estão mais preparados, os jogadores per-

cebem muito mais o treino e depois há atletas com capacidade para jogar noutras divisões, mas devido ao contexto profissional preferem jogar nesta divisão porque a exigência não é a mesma. Há sempre quatro ou cinco equipas que ombreavam com as equipas que lutam pela permanência na Honra», afirmou.

gos dirigentes voltem ao clube. Vamos fazer uma campanha de angariação de sócios e vamos contar com a ajuda do Presidente da Junta de Freguesia, Luís Pedroso», disse.

«Nos últimos anos, o Maximinense tem apostado na formação e as sementes começam a dar frutos»

Plantel época 20-21

Guarda-redes: Ruben Silva e Bruno Teixeira

Defesas: Rabanadas, Conceição, Pereirinha, Salsicha, Xano, Moutinho, Brás (ex-Peões), João e Diogo (ex-Soarense SC)

Médios: Hugo, Jota, Diogo Lopes e Nuno (ex-júnior)

Avançados: Figo, Rafa, Barata, David, Brites, Barreiros (ex-Alegrienses) e Hugo (ex-júnior)

Equipa técnica

Treinador: Pedro Silva

Treinador adjunto e vídeo: João Nuno

Treinador adjunto: Cristiano Ferreira

Fisioterapeuta: Álvaro Carvalho

MOVIMENTO JUVENTUDE DA PÓVOA

Clube nasceu de fusão de três equipas do Lugar da Póvoa em Palmeira



António Valdemar

Fundado em 19 de Novembro de 1986, o Movimento Juventude da Póvoa (MJP) tem como momento alto do seu historial o título da II Divisão Distrital da AF Braga conquistado na época de 2010/11, numa temporada em que o clube teve que andar com a “casa às costas”, devido às obras que estava a decorrer no seu parque de jogos.

Um feito que ainda hoje é recordado com saudade pelas pessoas que ajudaram a escrever a história de um clube situado num lugar da Freguesia de Palmeira (Lugar da Póvoa), mas que ao longo destes 34 anos de vida tem mantido viva a chama do desporto, às vezes com mais vigor, outras com menos, mas sempre com o mesmo «entusiasmo e amor ao clube», que ao longo destes anos criou vários laços familiares entre dirigentes e atletas que perduraram no tempo. Nesta edição do Desportivo fomos à procura de conhecer melhor o percurso do MJP e ninguém melhor do que Maduro, Vice-Presidente para o futebol, para nos guiar numa conversa cheia de nostalgia.

Desportivo: Há quantos anos está no MJP?
Maduro: Ui! Sei lá. Já perdi a conta. Estou desde a fundação do clube em 1986, mas depois deixei e voltei a entrar. Naquela altura havia mais concorrência – leia-se pessoas para a Direcção. Iam entrando uns e saindo outros. Hoje são sempre os mesmos, senão o clube fecha as portas. Antigamente havia

mais bairrismo. Isso perdeu-se. Mas não é só aqui.

Então lembra-se de como nasceu o MJP?
Claro que sim. Nasci e cresci neste lugar.



«Por vezes apetece-nos deixar isto mas não somos capazes. Fomos criando grandes laços de amizade ao longo dos anos que são difíceis de quebrar. Funcionamos como uma família unida. Mas deviam aparecer mais jovens, para rejuvenescer o clube». - Maduro

E pode contar-nos a história?

Antes de o clube ser fundado havia três equipas no lugar: Os Leões da Póvoa, o Juventude da Póvoa e os Cariocas, onde eu era o atleta mais novo. Lembro-me de irmos cortar árvores à bouça para fazer as balizas. Havia muita rivalidade e muito bairrismo. No entanto, em 1986 decidiu-se fundar as

três equipas. Acabou-se com as rivalidades. Foi a melhor coisa que fizemos.

E quem foram os fundadores do clube?

Na altura eram precisas cinco assinaturas para formalizar a escritura no notário e as pessoas mais disponíveis eram o já falecido João Borges, o João Gomes Correia, nosso sócio número 1 e Secretário, o Francisco Gomes, o António da Cruz Correia e o Cipriano Oliveira. Foram eles que foram ao notário fazer a escritura do clube.

Campeões com a “casa às costas”

Mas o clube ainda demorou uns anos a entrar nos campeonatos da AF Braga.

O clube continuou a entrar em torneios e inscrevemos a equipa na Inatel. Fomos crescendo também ao nível das infra-estruturas e um ano lembramo-nos de federar o MJP.

Em que ano?

Penso que foi em 2006/07.

E poucos anos depois conquistaram o único título do clube?

É verdade. Foi na época de 2010/11. Foi engraçado porque nessa época íamos treinar às dez da noite ao campo do Palmeiras, devido às obras que estavam a decorrer no nosso campo e tínhamos de transportar os equipamentos todos. Podemos dizer que fomos campeões com a casa às costas e sem pagar nada a ninguém. Continuamos com essa política.

Sande e sumo

Nem prémios dão aos jogadores?

Damos uma sande e um sumo e fazemos umas churrascadas na nossa sede. Claro que gostávamos de dar mais um pouco aos jogadores, nem que fosse uns prémios, mas não temos muitos apoios, não podemos entrar em loucuras. Somos um clube estável financeiramente, não devemos nada a ninguém, nem à AF Braga. Aliás, alguns ainda nos devem a nós.

Qual o orçamento do MJP para uma época desportiva?

Quem sabe isso melhor é a nossa Tesoureira, que faz um trabalho brilhante, mas penso que deve rondar os 16 mil euros por época para pagar as inscrições, água e luz, entre outras despesas que o clube tem ao longo da época.

E como conseguem arranjar essa verba?

Vivemos com a mensalidade do nosso bar, com o que a Junta nos dá, que não é muito, pois eles também têm o Palmeiras que é o principal clube da Freguesia, e as quotas dos associados. Devemos ter perto de 300 sócios, mas só metade é que pagam. A Craquenet, que tem a formação do clube, também nos ajuda nas despesas. Depois, sou eu e o Presidente que andamos a bater de porta em porta para pedir para o clube.

«O Airosa foi correcto»

A nova época começou um pouco atribulada. Bruno Airosa nem aqueceu o lugar.

Muitas pessoas podem pensar que o mister Bruno Airosa agiu mal com o clube. Mas posso dizer que foi correcto, pois o processo passou todo por mim e até posso contar a história.

O Bruno Airosa veio conversar connosco e apresentou-nos um projecto que achei interessante e decidimos que ele seria o treinador e até já estava a preparar a equipa para a época. No entanto, depois surgiu o Sobrepasta, que contactou-o para ele regres-

sar. O mister ligou-me a contar a situação e que não queria deixar ficar o clube mal. Eu disse-lhe para ir à vida dele que nós arranjàvamos outra solução, pois não falta quem queira treinar o MJP.

E como surgiu o nome do Vitinho?

Tivemos mais nomes em carteira para treinar a nossa equipa, mas já tínhamos conversado com o Vitinho. Conheço-o há muitos anos e decidimos dar-lhe uma oportuni-

dade para treinar a nossa equipa. Ele disse que queria fazer uma coisa bonita no clube. Acredito que vai ter sorte.

**«Fazer melhor que a época passada»
E impuseram-lhe alguns objectivos?**

Aqui não temos um objectivo definido. Queremos manter o clube activo para cativar mais jovens. Temos jogadores no plantel com valor para jogar noutras divisões mas preferem estar aqui. Ganham raízes no

clube, como nós, porque o dinheiro não é tudo na vida. Nunca despedimos um treinador. Claro que gostamos de ganhar e que dizemos sempre a quem entra de novo que é para fazer melhor do que a época passada. Este ano isso não foge à regra. Aqui os directores não se metem nos assuntos da equipa técnica.

«Com essas obras saía encantado quando deixasse o clube»

Presidente gostava de colocar cobertura na bancada e sintético no ringue

Baltazar Peixoto, Presidente do MJP, nasceu na última casa do Lugar da Póvoa, mas aos 15 anos foi viver para Merelim. No entanto, continuou a manter raízes na sua terra natal. «Foi aqui que eu nasci, não posso desligar-me da minha terra natal. É aqui que estão as minhas raízes», disse o dirigente que lidera o clube há quase uma década.

«Neste clube há sempre trabalho para fazer. Construimos uma churrasqueira e queremos fazer outra. O que está aqui foi quase tudo feito por nós. Trabalhamos como “mouros”. Se não fosse eu o Maduro andarmos a pedir pelas portas estávamos tramados, pois a quota que os sócios pagam nem dá para pagar à GNR. Pedimos a torto e a direito e quando não há alguém chega-se à frente e depois o dinheiro aparece», contou Baltazar, que durante o dia toma conta do bar do clube que é gerido pela filha e pelo genro.

O Presidente do MJP deixou ainda um pedido à Junta de Freguesia de Palmeira. «Só queria que nos colocassem a cobertura na bancada e um relvado sintético no ringue. Assim quando deixasse o clube saía encantado», frisou.



Presidente do Movimento Juventude da Póvoa, Baltazar Peixoto, com o reforço Lipe

MJP é o 14.º clube na carreira de Vitinho

Treinador quer fazer «um bom trabalho» no clube



Vitinho espera triunfar no seu novo clube

Vitinho é um treinador com muita experiência no futebol distrital. O treinador de 52 anos vai treinar o 14.º clube da carreira. Um novo projecto no Movimento Juventude da Póvoa que o técnico encara com «muita seriedade e ambição», pois diz que só consegue estar no futebol desta forma.

«Pensei que o Covid-19 me ia dar algum descanso, mas não foi possível e cá estou para mais um desafio na minha carreira. Já cá vim várias vezes como adversário mas nunca tive o privilégio de treinar o Movimento Juventude da Póvoa», frisou o treinador, que espera fazer uma boa temporada no seu novo clube.

«Sei que vamos ter muitas dificuldades, mas não será por falta de experiência que não as vamos ultrapassar. Ficaram muitos jogadores do ano passado e reforçámos a equipa com mais alguns atletas, pois entendemos que podem trazer algo mais ao grupo», disse Vitinho, acrescentando que ainda é muito cedo para estar a falar em objectivos.

«Vai ser um campeonato forte. Há equipas que se reforçaram muito e bem. Há muitos bons jogadores nesta divisão e ainda bem, isso só engrandece a cam-

peonato. Ainda é muito precoce estar a falar em que lugar queremos ficar, porque ainda nem sabemos quando a época vai arrancar. Os jogadores estiveram muito tempo parados e não sabemos em que condições vão regressar. Agora, todos os clubes têm objectivos, há sempre um grau de exigência e ainda bem para motivar o grupo de trabalho», atirou o treinador, que já passou por clubes como o FC Amares, Vilaverdense, Estrelas Figueiredo, CD Amares, Lanhas, Lage, Caldelas, Pedralva, Guisande, Rendufe, Gerês e ACD Serzedelo.

“

«Sei que vamos ter muitas dificuldades, mas não será por falta de experiência que não as vamos ultrapassar»

”

VILAVERDENSE FC - EDUARDA SOUSA

António Valdemar

Apesar de ter apenas 22 anos, Eduarda Sousa, ou simplesmente Duda, é a jogadora com mais anos no plantel feminino do Vilaverdense FC. Esta vai ser a oitava época consecutiva ao serviço do seu clube do seu coração. Mas Duda, para além de jogadora, é também uma adepta incondicional do clube.

«Sempre que os nossos jogos não coincidam, não perco um jogo da equipa masculina, seja em casa ou fora. Aliás, já deixei de ir a um jogo da equipa feminina para acompanhar a equipa masculina à Madeira. Fui com a minha madrinha, num jogo crucial para a passagem da equipa ao play-off», contou a jogadora, cuja paixão pelos jogos do Vilaverdense se estende igualmente à formação, onde o seu irmão também joga. «Aos fins-de-semana de manhã lá estou para apoiar os mais novos e tento sempre não perder nenhum jogo do meu irmão. A minha família já está “infectada” por este vírus que se chama “Vila”, atirou.

Ao longo dos anos, Duda já festejou muitas vitórias na bancada, mas há uma que vai ficar para sempre guardada no seu baú das recordações.

«Aquele jogo com o Boavista para a Taça de Portugal foi uma coisa do outro mundo. Fiquei dois dias sem poder falar de tanto gritar. Foi o dia mais feliz da minha vida enquanto adepta do Vilaverdense. Tínhamos uma grande equipa, liderada por um treinador excepcional – António Barbosa – por quem tenho uma grande admiração e carinho. Penso que difícil-

Duda vai cumprir a oitava época consecutiva no Vilaverdense FC



«O “VILA” É A GRANDE PAIXÃO DA MINHA VIDA»

mente vamos conseguir reunir tantas condições como nesse ano», aponta. Duda despiu depois o fato de adepta para vestir a camisola de jogadora, com que também já viveu momentos de grande alegria, como a conquista dos dois cam-

peonatos e taça no escalão de juniores. «Foram momentos inesquecíveis. Que grande equipa tínhamos nesses anos de ouro do Vilaverdense FC. O clube sempre foi uma bandeira na formação. Repare que só o SC Braga já veio buscar

aqui mais de 20 jogadoras e devemos ter uma ou mais jogadoras espalhadas por quase todas as equipas que jogam no campeonato de Portugal. O “Vila é realmente uma nação», frisa.

DUDA QUER AGARRAR A TITULARIDADE

Na baliza do Vilaverdense FC na próxima época

Duda nunca foi uma titular indiscutível na baliza do Vilaverdense FC, mas mesmo assim passados sete anos continuada ao seu «grande amor», com um

sorriso nos lábios, sem azias ou rancores, sendo também uma das atletas mais divertidas no balneário. No entanto, a guardiã confidenciou que

esta época a sua prioridade é agarrar a titularidade na equipa principal. «A Palla vai sair e chegou a hora de me afirmar como titular. Vou trabalhar afin-

cadamente para merecer a confiança do mister», disse a guardiã, que deu os primeiros passos no futebol aos seis anos no Bragafut, tendo depois passado quatro anos no Pico de Regalados, de onde saiu para o Vilaverdense FC em 2013, a convite de Xana Coutada, na altura treinadora da equipa feminina do “Vila”. «Durante estes anos já passamos por muita coisa. Rimos nos bons momentos, choramos nos maus, mas sempre demos a volta por cima. Este ano foi a prova disso, ninguém acreditava em nós e conseguimos manter-nos na II Divisão», frisou. A jogadora sublinhou ainda que o grande objectivo para esta época é lutar pelo regresso ao principal escalão do futebol feminino em Portugal. «Queremos manter estas jogadoras para não andarmos a refazer equipas todas as épocas. Se mantermos a base do ano passado podemos lutar pela subida de divisão», rematou.



Guarda-redes é a jogadora com mais anos no clube

«(...) ninguém acreditava em nós e conseguimos manter-nos na II Divisão»